

MARINHO, Camila Holanda. “Cidades e emoções: rotas juvenis, encontros e movimentos”. Dossiê: Cidade, imagem e emoções. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 19, n. 55, pp. 51-63, abril de 2020, ISSN 1676-8965.

DOSSIÊ

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

## Cidades e emoções: rotas juvenis, encontros e movimentos

### Cities and emotions: youth routes, meetings and movements

*Camila Holanda Marinho*

**Resumo:** Esse artigo tem o objetivo de apresentar uma discursão sobre cidades, juventudes e afetividades, tomando como referência o modo de viver de jovens com experiência de moradia de rua. Através da observação participante, inseri-me em campo, constituído por uma metodologia de análise fundamentada na ideia de uma “narrativa das narrativas”, portanto, privilegiando os relatos dos jovens e da pesquisadora sobre a polifonia de um campo de pesquisa realizada na cidade de Fortaleza - Ceará. Portanto, apresentarei como são constituídas as narrativas amorosas de jovens com experiência de moradia de rua, considerando que a rua é um palco das performances de culturas juvenis, assim como um lugar de encontros de afetos. Assim, os discursos amorosos desse grupo são reveladores de suas trajetórias de vida. Do mesmo modo, sinalizam signos de vínculos à rua, considerando que esses jovens são constantemente atravessados por experiências de vinculações emotivas, quer seja com pessoas ou com lugares, em seus trajetos cotidianos. **Palavras-chave:** cidade, culturas juvenis, afetividades, experiência, nomadismo

**Abstract:** This article aims to present a discourse on cities, youths and affection, taking as a reference the way of life of young people with street experience. Through participant observation, I entered the field, constituted by an analysis methodology based on the idea of a “narrative of narratives”, therefore, privileging the reports of young people and the researcher about the polyphony of a research field carried out in the city of Fortaleza, Ceará. Therefore, I will present how the amorous narratives of young people with experience of street living are constituted, considering that the street is a stage for the performances of youth cultures, as well as a place for encounters of affections. Thus, the loving speeches of this group are revealing of their life trajectories. In the same way, they signal signs of ties to the street, considering that these young people are constantly crossed by experiences of emotional ties, whether with people or places, in their daily journeys.

**Keywords:** city, youth cultures, affectivity, experience, nomadism

### Introdução

O centro da cidade de Fortaleza é um dos lugares que costumo frequentar no meu roteiro cotidiano. Ao desenvolver uma pesquisa sobre a vida dos jovens com experiência de moradia de rua, passei a atribuir um novo significado afetivo aos espaços que circulei e ainda circulo nessa região da cidade. Além de um olhar mais amplo e curioso sobre os imaginários urbanos constituídos pela variedade de habitantes de uma cidade De longe, não é possível observar as tramas, as redes, os sentidos e os mapas afetivos desses lugares, pois cada indivíduo as constitui de acordo com as sua

experiência de vida. Somente “de perto e de dentro”, como orienta Magnani (2002), identificando, descrevendo e percorrendo os meandros da metrópole para observar as relações dos que circulam com os espaços urbanos, e o que os lugares e as pessoas passam a revelar sobre os bastidores de uma cidade silenciada ou invisível. Portanto, a cidade é constituída por múltiplos imaginários, delineados pela forma como as pessoas ressignificam lugares, pessoas, tempos e experiências.

Parto de uma experiência etnográfica sobre a condição juvenil e suas múltiplas expressões afetivas, a partir do que defino como uma “observação vivencial”, ou seja, o acompanhamento da trajetória de vida de jovens com experiência de moradia de rua por diversos tempos, lugares e situações, que alia uma atuação que tive na gestão de políticas públicas na prefeitura municipal de Fortaleza para a população infantojuvenil e minha trajetória como pesquisadora do tema. Apeguei-me aos indícios de que o entendimento da construção da subjetividade desse grupo social acontece através de uma rotina de observações cotidianas factíveis de intercalar a narrativa dos interlocutores com o da pesquisadora. Para o entendimento da forma como esses indivíduos expressam-se afetivamente, movimento-me por meio de “narrativa das narrativas” dos jovens com experiência<sup>1</sup> de moradia de rua, conduzidas pela observação de suas performances, gestos, comportamentos e narrativas amorosas, construindo, portanto, um trânsito sentimental pela cidade a partir de suas trajetórias de vida.

A intenção desse artigo é apresentar mapas de sentimentos e imaginários urbanos a partir das experiências de jovens fortalezenses que transitam pelas ruas criando roteiros singulares que são imperceptíveis para aqueles que se limitam a observá-los à distância. Em Fortaleza, muitos vivem no centro da cidade, espalhando seus poucos pertences nos bancos das praças, estacionando desejos de viver em outros lugares, sendo rechaçados pelos transeuntes atrasados e amedrontados. Outros estão esmolando e mendigando nas margens de avenidas movimentadas que ligam a cidade de um lado ao outro. Alguns mais ousados ficam pelos arredores da Avenida Beira-Mar buscando a piedade dos que rezam, os restos de comida dos que frequentam *fast foods*, a rica moeda estrangeira como esmola, sempre sob a vigilância do policiamento que, em muitos casos, age para controlar a estética do cartão postal da cidade. Os moradores de rua são personagens da cidade, mas protagonizam as cenas de desigualdade e exclusão social, que são corriqueiras e já se tornaram banalizadas para muitos que não conseguem ou não preferem enxergá-los. Dessa forma, cria-se uma geografia afetiva na cidade e pela cidade, fazendo das ruas um lugar de encontro de afetos.

Jovens com experiência de moradia de rua são indivíduos que, em um determinado tempo de suas trajetórias de vida, designaram a rua como uma referência de moradia. Desta forma, ficam por algum tempo afastados de suas casas, utilizam os serviços de atendimento institucionais e reinventam a vida privada em espaços públicos, tecendo, assim, novas e diferentes redes de afetividade. De todo modo, considero essencial perceber as redes que entrelaçam o cotidiano desse grupo social, reconhecendo que são relações fluidas e contingentes, e desconsidero um determinismo temporal (com relação ao tempo de permanência nas ruas) e etário (desvinculados de marcos legais)

---

<sup>1</sup> Utilizo o conceito de experiência, entendido a partir de um debate entre Walter Benjamin (1987), Joan Scott (1999) e Jorge Larrosa Bondia (2002), para definir os jovens moradores de rua. Com esse diálogo percebo que, por serem os indivíduos constituídos discursivamente, a experiência é uma partilha, uma revelação, uma transmissão de uma vivência que revela o sentido de sua própria existência. É algo particular, relativo e subjetivo, pois duas pessoas, por mais que tenham compartilhado o mesmo acontecimento, não possuem a mesma experiência. No entanto, por uma questão de escrita textual farei uso também ao longo do texto do termo “jovens moradores de rua”.

que os amarre a definições inflexíveis e inexoráveis. Ao nomadizarem seus percursos, experiências, etiquetas, afetos e desejos, sinalizam um trânsito sentimental que circunda as trajetórias das culturas juvenis da contemporaneidade. Seus movimentos incessantes, em trajetos que não visam um começo, um meio e um fim, são permeados por uma modalidade não convencional de vinculação, de fixação, de pertencimento, mas que é permanentemente tecida por fios de afetos, seja através de expressões de alegria, de dor, de frustração, de perda, de medo, de prazer, de solidariedade, de cumplicidade, de saudade, de amor e ódio, portanto, dando um uso polifônico e caleidoscópico de sentimentos à vida na rua.

### **Nos rastros de corpos que circulam pela cidade.**

Para Armando Silva (2011), o imaginário urbano vai além de uma percepção subjetiva e pessoal. Ele é atravessado por uma percepção coletiva que vai sendo construída pelos habitantes de uma cidade quando estão compartilhando o mesmo espaço-tempo. Estudar o imaginário de uma cidade é acompanhar o processo de ressignificação do espaço urbano e entender as pessoas que o habitam. Com isso, o imaginário de uma cidade é constituído pelos seus habitantes. O autor estuda a cidade como um lugar de acontecimento cultural e como cenário de processos de produção de imaginários, pois para Silva (2011, p. 29), servem para “projetar fantasias, dão como resultado a constatação de que uma cidade também é o efeito de um desejo ou de muitos desejos.” A imagem urbana institui-se por meio de metáforas coletivas de qualificação dos espaços e pontos de vista dos cidadãos. Com isso:

Uma cidade então, do ponto de vista da construção imaginária do que representa, deve responder, ao menos, por condições físicas naturais e físicas construídas, por alguns usos sociais, por algumas modalidades de expressão, por um tipo especial de cidadãos em relação com os de outros contextos nacionais, continentais ou internacionais; uma cidade faz uma mentalidade urbana que lhe é própria (2011, p. XXV).

Ao circularem pela cidade, os jovens com experiência de moradia de rua também representam uma cidade em movimento. Eles transgridem ao produzirem uma nova estética dos afetos da cidade. Glória Diógenes (2003) destaca que os jovens em seus percursos urbanos carregam territórios em seus corpos quando se movimentam. Desse modo, a cidade se multiplica, se metamorfoseia, se expande em cada lugar de vivência. Para a autora, esses corpos criam imaginários sobre a cidade, imagens em movimento, outdoors da cidade, revelando roteiros desviantes. A autora destaca que o invés de estarem ocultos nas regiões periféricas, os jovens desfilam pela cidade, expondo suas contradições, e com isso, despertam um caleidoscópio de emoções sobre os imaginários urbanos e seus transeuntes. Para Diógenes, eles:

Lançam-se em uma vetiginosa onda contínua, desnudados das marcas costumeiras, transmudando os signos da ordem e da moral urbana. Quebram os limites do isolamento nos quais estão confinados, re-inventam seus corpos a fim de torná-los plásticos, infiltráveis, atravessadores e atravessáveis (DIÓGENES, 2003, p. 50).

Os jovens, como assinala Helena Abramo (1994), muitas vezes percebidos pelo senso comum como produtores das grandes crises sociais da modernidade, são muitas vezes reconhecidos como corpos ameaçadores das normas e etiquetas sociais. Em circunstâncias de pobreza e desigualdade, associações à noção de periculosidade são comuns e intensificadas. Ao vagarem pelas ruas em roupas maltrapilhas e sujas, com os pés descalços, sob o efeito alucinado do crack, mendigando ou pedindo ajuda, os jovens moradores de rua representam aqueles cuja eliminação de corpos e vida poderia até mesmo acontecer sem que fosse percebida, como acontece em diversos casos. Para muitas pessoas, eles não são os “verdadeiros poetas da cidade” (AMADO, 2008) nem “as almas encantadoras das ruas” (RIO, 2008), mas sim os corpos que produzem e exacerbam o pavor e a insegurança despertados por seu outros habitantes.

Os moradores de rua não são os únicos que circulam pela cidade, mas são aqueles que associam as dimensões da vida privada à esfera pública, redesenhando uma nova geografia dos espaços. Guiam-se de acordo com os trajetos cortados, com os limites transpostos e as fronteiras demarcadas, configurando os espaços para viver nas ruas. Sabem onde dormir, comer, tomar banho, se esconder, namorar, brincar, trabalhar e buscar socorros necessários, distribuindo-se pelos espaços urbanos ocupados de acordo com as possibilidades de resoluções de suas necessidades e desejos, assim como para a obtenção de rendimentos materiais e financeiros. A cidade passa a ter uma nova localização geográfica e afetiva. Frangella (2009) delinea sua percepção sobre os corpos dos moradores de rua notando que a geografia urbana, continuamente, os acolhe e os repele. Por outro lado, independente da cidade em que se localizam, os moradores de rua são expressões das desigualdades e injustiças sociais na sua forma mais extrema.

Apesar de representarem um número significativo de pessoas em movimento pelas ruas, muitas vezes difícil de ser quantificado por causa de sua característica nômade, esse grupo não se constitui de forma homogênea. Esses indivíduos vagueiam pelos grupos, pelos lugares, por tempos, por sentimentos, por éticas. Para Deleuze e Guattari (1997), o nomadismo, antes de um simples movimento, é uma verdadeira “máquina de guerra” subversiva, irreduzível e contrária ao Aparelho do Estado. Os fluxos e as intensidades desejanças são dispositivos que deixam acontecer os processos relacionados à subjetividade, ordenando-a e desordenando-a, criando, assim, o novo, de acordo com as possibilidades de cada corpo e na potencialização da vida. Esse processo representa a própria potência nômade, ou seja, a capacidade de reterritorialização e desterritorialização.

Portanto, indivíduos com experiência de vida nas ruas alardeiam formas diferentes de recriação da vida. Transfiguram um viver marcado por formas de violência e exclusão, tecendo redes de sociabilidades afetivas e, assim, criando laços suportáveis de sobrevivência. Eles habitam as ruas de outras formas, criam roteiros inimagináveis, convertem a estética e a ética dos lugares. Nomadizam, transgridem e inovam, redefinindo em seus trajetos o estabelecido, e fazendo dessa forma, da rua a sua casa. Para Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997), o nomadismo caracteriza-se por um entre, por um meio que escapa à forma fixadora de conceber o espaço que é o apanágio do sedentário, portanto, o espaço é constituído de percursos. Dessa forma, segundo os autores, o nomadismo acontece não só nas andanças, mas nas regras que orquestram as relações entre os indivíduos:

O nômade tem um território, segue trajetos costumeiros, vai de um ponto ao outro, não ignora os pontos (ponto de água, de habitação, de assembléia, etc.). Mas a questão é diferenciar o que é princípio do que é somente consequência da vida nômade. Em primeiro lugar, ainda

que os pontos determinem trajetos, estão estritamente subordinados aos trajetos que eles determinam, ao contrário do que sucede no caso do sedentário... Em segundo lugar, por mais que o trajeto nômade siga pistas ou caminhos costumeiros, não tem a função do caminho sedentário, que consiste em distribuir aos homens um espaço fechado, atribuindo a cada um sua parte, e regulando a comunicação entre as partes. O trajeto nômade faz o contrário, distribui os homens (ou os animais) num espaço aberto, indefinido, não comunicante (DELEUZE; GUATARRI, 1997, p. 50).

Podemos perceber esse grupo juvenil como um grupo que representa uma ruptura, uma contestação, um desencantamento de algo rumo à produção de novas formas de viver. São corpos que não se acomodaram com a fixidez ou com significados preestabelecidos e, assim, fazem da rua os lugares de suas moradas. Para José de Souza Martins (2000), a modernidade produz indivíduos fragmentados, mas obstinados a mudar suas trajetórias de vida, que lutam para viver, ao mesmo tempo em que não deixam que esse viver lhes escape ou se apresente como algo absurdo ou destituído de algum sentido. Assim, criam novas formas de vida na tentativa de reencontrarem sentidos ou reinventá-los. O autor ainda assinala que os indivíduos envolvidos em “privação repentina de significados” criam significados substitutivos e restabelecem as relações sociais interrompidas ou ameaçadas de ruptura. Portanto, segundo Martins (2000, p. 61):

...os significados são reinventados continuamente em vez de serem continuamente copiados. As situações de anomia e desordem são resolvidas pelo próprio homem comum justamente porque ele dispõe de um meio para interpretar situações (e ações) sem sentido, podendo, em questão de segundos, remendar as fraturas da situação sociais.

De todo modo, os indivíduos estão em constante movimento, em processos de reinvenção de seus cotidianos e de suas subjetividades. O homem moderno, para Richard Sennett (2008), é um ser humano móvel. Como o “desejo de livre locomoção triunfou sobre os clamores sensoriais do espaço através do qual o corpo se move” (SENNETT, 2008, p. 262), o indivíduo moderno desloca-se em uma cidade com o movimento acelerado de pessoas, cheia de espaços neutros, de passagens e de riscos. As reflexões do autor sobre a vida na cidade faz analogias às descobertas científicas sobre o sistema circulatório, construindo formulações sobre as relações estabelecidas entre o corpo e a livre locomoção na cidade. Mas a locomoção, o deslocamento livre, tem sido tratada como um dos grandes desafios urbanos das cidades brasileiras, devido à sensação de risco, do medo, portanto, da violência urbana. Os moradores de rua compõem o grupo daqueles que “amedrontam” e criam resistências à circulação, na cidade, de outros indivíduos. Suas trajetórias de vida nas ruas são mediadas por situações nas quais o legal e o ilegal, a dignidade e a marginalidade, o real e o imaginário, o amor e o ódio, a solidariedade e a individualidade, sentimentos que se confundem e se entrecruzam cotidianamente.

Michel De Certeau (1994) quando rompe com a definição de cotidiano como rotinização para dar lugar à ideia de cotidiano como movimento, fundamenta a sua compreensão sobre a distinção entre espaço e lugar. Para o autor, o espaço é uma ordem móvel que produz diferentes experiências espaciais da vida cotidiana sem posições definidas, sendo o lugar a representação das ordens mais estáveis de posições. O que o

primeiro tem de provisório, que corresponde às práticas do tipo *estratégicas*<sup>2</sup>, o segundo tem de permanente, sendo, portanto, o espaço corresponde às práticas *táticas*<sup>3</sup>. Por isto De Certeau vai afirmar que o “o espaço é um lugar praticado” (1994:202). Portanto, as cidades reinventadas pelos jovens com experiência de moradia de rua nomadizam as emoções, as práticas cotidianas e os imaginários sobre viver na cidade, produzindo rotas juvenis e movimentos que delineiam modos de viver ocultados, silenciados ou ignorados.

### **Emoções que reinventam a cidade**

O percurso de jovens que vivem na rua é permeado por afetos, história de amor, emoções experimentadas, compreendendo a rua como um palco das performances de culturas juvenis e também como um lugar de encontro de afetos (MARINHO, 2010). Se a rua se tornou um signo identitário, então nela também se constituem redes que a tornam atrativa e que possibilitam, em planos diversos, a sobrevivência de seus moradores. Alguns indivíduos vivem e sobrevivem nas ruas porque nelas existem sujeitos com quem constituíram laços de solidariedade, de carinho, de afeto. Assim, as experiências e trajetórias de vida possibilitam para esse grupo a constituição de uma cultura afetiva própria. Redes de atração são criadas para que a rua se torne a referência e são representadas pelas interações cotidianas, pelos lugares aonde se vai e pelas pessoas com quem os caminhos se entrelaçam. Enfim, pelas costura de emoções experimentadas cotidianamente. Já sabemos que as situações de pobreza e miséria, os conflitos familiares e a violência causada pelo tráfico de drogas são alguns dos elementos de repulsão para os jovens moradores das regiões pobres da cidade. Portanto, a rua possui, para os jovens, diversas forças de atração, de pertencimento e de identidade.

As emoções mobilizadas pelos jovens que vivem nas ruas são forças que possibilitam suas sobrevivências nos espaços públicos. São redes de afetos que ligam **solidariedades** pelo grupo, **amor** entre os casais e a **proteção** que sentem por parte dos profissionais das instituições que realizam abordagem de rua. Essas emoções se configuram como estratégias de sobrevivências na rua. Com isso, são emoções que se contrapõem a **insegurança**, ao **medo** e a **solidão**, sentimentos comuns na vida urbana que são produtores de anonimatos e indiferença frente à existência do outro e serão analisadas ao longo desse artigo como mobilizadores de imaginário sobre a cidade a partir das rotas urbanas desse grupo e jovens. É como se “a cada segundo a cidade infeliz contém uma cidade feliz que nem sequer sabe que existe.” (2000, p.151), como descreve Ítalo Calvino em suas histórias sobre as Cidades Invisíveis.

Maria Filomena Gregori (2000) utiliza o termo “viração” como uma prática adotada que não deve ser entendida unicamente como uma estratégia de sobrevivência estabelecida pelas crianças e jovens moradores de rua. Esse termo, que é empregado coloquialmente pelos jovens, refere-se às atividades diversas realizadas quando se vive nas ruas. Para a autora:

Os meninos de rua se viram, o que significa, em muitos casos, se tornarem pedintes ou ladrões ou prostituídos ou “biscateiros” ou, ainda, se comportam como menores carentes nos escritórios de

<sup>2</sup>A noção de cotidiano como prática *estratégica* em De Certeau pressupõe a análise de formas distintas de apropriação do espaço, de formação de lugares e do rompimento de fronteiras que demarcam socioespacialmente a vida urbana.

<sup>3</sup>O conceito de *tática* está relacionado às relações de poder que incidem de modo substancial na construção social da vida pública cotidiana.

assistência social. Para eles, a viração contém em si algo mais do que a mera sobrevivência, embora seja seu instrumento. Há uma tentativa de manipular recursos simbólicos e “identificatórios” para dialogar, comunicar e se posicionar, o que implica a adoção de várias posições de forma não excludente: comportar-se como “trombadinha”, como “avião” (passador de drogas), como “menor carente”, como “sobrevivente”, como adulto, como criança. Nesse sentido, é uma noção que sugere, mais do que o movimento – que é dinâmico e constante – uma comunidade persistente e permanente com a cidade (GREGORI, 2000, p. 31).

A autora considera três importantes hipóteses analíticas para a compreensão da ida de meninos e meninas para as ruas: compreender em seus históricos familiares pistas sobre a proximidade das crianças e jovens com a rua; considerar, também, o histórico das experiências escolares e seus conflitos e insatisfações; e, por último, Gregori (2000) destaca a importância de se analisar a força de atração da rua como uma forma de “conquistar a cidade”, representada pela integração a um grupo que conhece o mapa cognitivo da cidade (onde comer, onde dormir, onde conseguir apoio), e com ele pode-se construir uma rotina cotidiana diferente da que se tinha quando se vivia as experiências do universo da casa com a família. Para a autora: “é uma experiência de ruptura cuja motivação está na negação do enquadramento familiar, escolar, laboral e legal, assumindo, no seu lugar, os recursos da mendicância e da predação” (GREGORI, 2000, p. 70). A autora ainda destaca a desmistificação da pobreza como um fator desencadeador e o desejo de liberdade como um pressuposto exclusivo das classes mais pobres ao buscar viver suas experiências de vida nas ruas. Para ela, a rua representa a liberdade não só para o grupo de jovens pobres que vivem nas ruas, como também para os das classes ricas que buscam satisfações da mesma ordem. A questão é entender os mecanismos de atração que a rua produz, e dessa forma, a autora destaca a cidade como representação do sentimento de “embriaguez da perambulação pelas ruas” e a turma como a “força sempre renovada de estar junto”.

Algumas das principais motivações que provocam os deslocamentos dos moradores de rua dos lugares onde estabelecem uma fixação mais duradoura são as práticas e as situações de violência. Esses acontecimentos estão relacionados com a repressão policial, com conflitos e desentendimentos no interior dos grupos ou ameaças de agentes externos ou inimigos que podem saber onde encontrá-los. O cenário no qual estão inseridos é marcado por uma diversidade de manifestações de violência praticada por eles ou contra eles. Desamparados pelos serviços públicos de atendimento, especialmente de saúde, educação, habitação e segurança pública, os casos de conflitos são geralmente resolvidos por e entre eles, portanto, existem poucas estatísticas que apontem seus envolvimento em situações de violência, seja como autores ou vítimas dessas situações. Geralmente, usa-se “armas brancas”, como facas, cacos de vidros, garrafas quebradas, pedras, entre outras. Portanto, a rua é compreendida por sua multiplicidade de usos e significados e, no caso dos moradores de rua, uma dentre tantas classificações é a de que a rua se reproduz em cenários de violência. Em seus relatos, ela é o lugar que simboliza a liberdade, ao mesmo tempo em que, também, é compreendida por eles como um lugar perigoso de viver.

Atualmente, em razão dos conflitos de e entre grupos armados nos bairros das periferias da cidade, grupos designados como “facções”, as praças do centro de Fortaleza, assim como, outros espaços ocupados pelos moradores de rua, estão “divididas por facções”. Esses indivíduos têm sido denominados por alguns

pesquisadores como “refugiados urbanos” ou “deslocados urbanos<sup>4</sup>”. Com isso, a divisão dos territórios ganha uma nova configuração, que já existia a partir do grupo que a ocupava, mas que atualmente vem se delimitando a partir de uma nova concepção de “proteção” e “vinculação grupal”. As formas de ocupação são hoje relacionadas como uma forma de proteção da vida frente às ameaças de mortes que muitos ocupantes das ruas sofreram em suas comunidades e precisaram viver nas ruas como uma forma de refúgio.

Corpos juvenis que transitam pelas ruas possuem marcas de diversas formas de violência, uma delas é o uso abusivo de drogas, que com o tempo os enfeiam cada vez mais, degrada-os, dissolve-os, arruína-os. Shara Jane Holanda Costa Adad (2011) compreende que os “corpos excessivos” dos jovens moradores de rua denunciam tragicamente suas diferenças e institui códigos específicos quando dissolvidos, despedaçados e esquadrinhados pelo solvente, ao mesmo tempo em que são corpos que anunciam “alegrias dionísias”. A cerca de dez a quinze anos atrás, a cola e o solvente eram as substâncias mais consumidas. O crack se consagra como uma droga bastante utilizada pelas crianças e jovens que vivem nas ruas (ressaltando que esse fenômeno acontece em diversas classes sociais e faixas etárias), configurando-se como um problema social norteador por grandes desafios e dificuldades de enfrentamento, tratamento e solução.

Com isso, observa-se que as formas de violência na rua possuem múltiplos formatos. São expressas pelos fenômenos de exclusão e desigualdade social, que fazem com que os indivíduos se encontrem em situações de miséria e extrema pobreza, tornando-se despossuídos de qualquer bem de consumo e sobrevivência. Elas estão associadas a práticas criminosas protagonizadas por eles, como também através de situações de violência que os colocam como vítimas de agressões, maus tratos, atitudes de repugnância, onde os moradores de rua estão sujeitos a serem assassinados por aqueles que consideram suas vidas desnecessárias e ameaçadoras<sup>5</sup>. Muitos também possuem formas de interação violentas entre eles e direcionadas às outras pessoas que circulam pela cidade, mas é importante ressaltar que as práticas de violência e os comportamentos violentos não devem ser associados, de forma generalizada, a todos os indivíduos que moram nas ruas. A violência é uma dos imaginários que compõem o universo da rua, mas que não a define exclusivamente.

Bauman (2009) pontua que a insegurança moderna está relacionada não só com o medo dos crimes e dos criminosos, mas também com o sentimento de confiança, que geralmente é algo recusado e inaceitável frente aos grupos criminosos e de sociabilidades violentas. Classificados como agressivos, famintos e desordenados, os sentimentos de confiança e solidariedade são de longe os mais destinados ao grupo dos moradores de rua. Imaginários sobre condutas perigosas e imorais também são associadas a eles. De modo geral, a sociedade costumeiramente atribui aos jovens o

---

<sup>4</sup> Sobre esse tema ver: VIANA, Rachel Saraiva Leão. Deslocadas internas: violência urbana e migração forçada de mulheres no Estado do Ceará. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Políticas Públicas) - Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019. CAVALCANTE, Clênia Trindade Lucena. As dinâmicas das ruas de Fortaleza: os processos e transformações nas vidas de pessoas às margens da cidade. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

<sup>5</sup> Ver casos ocorridos especialmente no Distrito Federal sobre o assassinato do índio Gaudino, que foi confundido como um morador de rua, no ano de 1997. No caso do assassinato de crianças e jovens moradores de rua, a chamada “Chacina da Candelária”, ou o assassinato de seis meninos menores de idade e dois maiores enquanto dormiam, realizado por policiais militares no ano de 1993 no Rio de Janeiro, repercutiu mundialmente.

lugar de produtores de violência, com destaque aos seus envolvimento em situações criminosas, em conflitos entre grupos rivais, nos embates violentos de torcidas organizadas de futebol e com o tráfico de drogas. Quando em trânsito pela cidade, os jovens também produzem sentimentos de medo e repugnância. Em algumas situações, especialmente no caso das crianças, é possível perceber sentimentos de compaixão. No entanto, o medo e a desconfiança se destacam e são simbolizados pelos vidros dos carros, que são fechados quando eles se aproximam, pelos transeuntes que atravessam a rua para que eles não cruzem seus caminhos, pelas bolsas colocadas mais próximas ao corpo para que não sejam puxadas e roubadas. Sendo assim, esses indivíduos exacerbam os sentimentos de medo e insegurança de grande parte da população que costumeiramente os rechaça.

O medo é um sentimento que se encontra relacionado à preservação da vida e se tornou, nos dias de hoje, uma sensação relacionada à vida na cidade, assim como um sentimento global de insegurança que ronda a vida cotidiana em diversas cidades do mundo. Para Jean Delumeau (2002, p. 19) o medo “é uma defesa essencial, uma garantia contra os perigos, um reflexo indispensável”. Tanto individual como coletivamente, o medo pode também tornar-se patológico, “criar bloqueios” e “com efeito, tornar-se causa da involução dos indivíduos” (p. 19). Dessa forma, cria-se uma cultura do medo e sua personificação acontece através de indivíduos e grupos sociais ameaçadores ou com práticas que se imagina que façam parte de suas performances cotidianas. Dentre esse grupo de indivíduos, estão situados não só os criminosos envolvidos em quadrilhas, máfias e organizações, mas podemos perceber que os jovens, pobres e moradores de regiões vulneráveis, com altos índices de violência, também se enquadram nessa construção coletiva de grupos ameaçadores e perigosos. Estejam eles envolvidos em organizações criminosas, ou não. O medo é um imaginário urbano comumente presente e produtor de práticas de preconceito e estigmatização que fomenta uma “cidade partida” ou que prefere ocultar e ignorar suas desigualdades sociais.

Machado Pais (2006a) ao narrar sobre os “sem-abrigo” da cidade de Lisboa, destaca que: “A circulação é uma imposição da própria geografia da rua, feita para circular. Mas quem vive na rua tem por hábito circular em espaços relativamente delimitados pela cidade” (PAIS, 2006a, p. 47). Eles partilham as mesmas ruas, os lugares na rua, assim como possuem em comum, em suas trajetórias de vida, rupturas afetivas determinantes para a opção da vida nas ruas. Essas rupturas são distintas, mas estão associadas à convivência familiar. Casamentos, filhos, pais, mães foram abandonados em decorrência de laços fragilizados que fazem da casa um lugar que eles não querem mais viver. Portanto, se busca na rua afetos que a casa negou. Os jovens procuram um grupo para se filiarem e aprenderem a geografia de sobrevivência na rua. Crianças procuram referências familiares, adultos acolhem. Mas a solidão também é um sentimento circulante. Ela vem e vai, esquenta e esfria, aperta e afrouxa, compõem os sentimentos da vida na rua com dias mais acentuados do que outros. Para Machado Pais (2006a, p. 65):

O mundo dos sem-abrigo é um mundo que abriga, sobretudo, o provisório, a precariedade, o descontínuo, o efêmero, o acaso, o imprevisível. Os processos de dessocialização a que estão sujeitos tem sido retratados como expressões de “uma nudez social”, por vezes associada a um “exílio de si mesmo”. As “famílias de rua” são apenas feitas de “outros iguais”, unidos pelo nomadismo, pela partilha de territorialidades e refúgios: os mesmos bancos de jardim para dormir, os mesmos colchões de papelão para não enregelar os ossos; os mesmos estômagos cheios de vazios; as mesmas mãos enegrecidas de

tanto remexerem caixotes de lixo. Comungam o nada, a madrugada. Vivem em condomínios abertos de indigência, expostos ao mundo que os rodeia e exclui. A rua nivela-os.

A solidão na rua é compartilhada, o cotidiano é transformado em um eterno presente, como observa o autor. Os conflitos e hostilidades convivem com a solidariedade. Os dias se fundem em um só, “o que hoje um sem-abrigo faz não produz um amanhã que seja diferente de ontem” (PAIS, 2006a, p. 69). Passado e futuro esgotam-se no presente, que é um refúgio: “De fato, o único recurso que têm para desperdiçar é o tempo” (p. 70). O tempo é poetizado na compreensão do autor, que investiga a vida dos moradores de rua seguindo as trilhas de suas trajetórias de vida e de seus percursos pela cidade. Nas narrativas desses indivíduos, o tempo representa a efemeridade, reflexo da modernidade. Nos relatos dos jovens que participaram dessa pesquisa, o tempo vivido é o tempo presente, mas eles acreditam que o futuro será melhor do que o presente e diferente do que foi o passado. O tempo é uma sequência de acontecimentos em evolução contínua, e a vida na rua segue esse mesmo movimento.

Norbert Elias (1993), ao esboçar uma “sociologia dos afetos”, destaca como as emoções implicam no modo como as relações sociais são estabelecidas pelos indivíduos. Nesse sentido, demonstra que muitos arranjos sociais são também arranjos emotivos, sentimentais e afetivos. Elias (1993) compreende o social, portanto, o conjunto das relações, a partir da imbricação da dimensão econômica com a organização política, que são indissociáveis do domínio individual dos afetos (autocontrole). Com a passagem do controle social (marca da sociedade feudal) para o autocontrole (com a consolidação dos Estados modernos), uma nova rede de configurações é produzida, exercendo um controle social mais intenso e com um aumento da interdependência das pessoas. As relações entre os indivíduos tornam-se mais complexas e integradas, modificando, dessa forma, os comportamentos sociais, que passam a ser governados pelo controle das emoções, produzindo, portanto, novas necessidades sociais, tais como o autocontrole, a sujeição a ideias de outros e a moderação dos desejos. Segundo o autor, a interdependência entre os indivíduos levou a um “fortalecimento do autocontrole e à permanência das compulsões – a inibição de paixões e controle de pulsões – impostas pela vida no centro dessas redes” (ELIAS, 1993, p. 207). Elias destaca a importância do controle das pulsões e paixões para a vida em sociedade que, concomitantemente, produziu mudanças na psicologia dos mesmos.

Os indivíduos passam a se adaptar a uma sociedade onde o monopólio da força física e o controle da violência estavam garantidos, com isso, a satisfação de alguns desejos poderia ser adiada ou reprimida. Portanto, novas configurações psíquicas serão “criadas” a partir da necessidade daquele momento histórico. A constituição desse “processo civilizador”, como designa Elias (1993), está em curso e configura-se pela imprevisibilidade, dessa forma, é um processo inacabado e que não se exauriu. O autor destaca que existe uma relação entre as mudanças na organização das sociedades e na personalidade dos indivíduos, gerando formas específicas de comportamento em diferentes momentos históricos, portanto:

Nenhuma sociedade pode sobreviver sem canalizar as pulsões e emoções do indivíduo, sem um controle muito específico de seu comportamento. Nenhum controle desse tipo é possível sem que as pessoas anteponham limitações umas às outras, e todas as limitações são convertidas, na pessoa a quem são impostas, em medo de um ou outro tipo. Não devemos nos enganar: as constantes produção e reprodução de medos pela pessoa são inevitáveis e indispensáveis

onde quer que seres humanos vivam em sociedade, em todos os casos em que os desejos e atos de certo número de indivíduos se influenciem mutuamente, seja no trabalho, no ócio ou no ato do amor (ELIAS, 1993, p. 270).

Le Breton (2003) considera o indivíduo como coautor de seu corpo e dos laços sociais que o corpo constitui, pois as identidades são passíveis de remanejamento. Somos, portanto, indivíduos de identidades nômades, não fixas, fragmentadas e sujeitas a metamorfoses permanentes. As emoções, conforme destaca o autor, podem possibilitar modos de afiliação a uma determinada comunidade social, na qual se produz uma maneira de se reconhecer e de construir canais de comunicação sobre a base da proximidade sentimental. Cada emoção sentida oferece possibilidades interpretativas sobre o que sentem os indivíduos e o que percebem com relação à atitude dos outros sobre eles. Situada em momentos provisórios, as emoções são oriundas de causas precisas, nas quais o sentimento se cristaliza como uma intensidade particular: sente-se alegria, tristeza, medo, desejo, surpresa, raiva. Ela também é a própria propagação de um acontecimento passado, presente ou futuro, real ou imaginário, balizadora das relações do indivíduo com o mundo.

### **Considerações finais**

Jovens com experiência de moradia de rua são narradores de histórias e trajetórias que desenham uma paisagem afetiva peculiar da cidade. Seus percursos são demarcados por ambivalências e ambiguidades. Para muitos, a percepção de que eles tecem fios de afetividade e amorosidade por si só representa uma contradição. De modo geral, a compreensão desse grupo social costuma acontecer a partir de trajetórias marcadas pelas situações de violência nas quais estão inseridos. Afasto-me da centralidade da violência pura ao narrar modos de vida nas ruas, apenas faço a opção analítica de situá-los a partir da tessitura de laços de afetividades que, a meu ver, produz possibilidades de fixação à rua e sinalizam expressões de culturas juvenis que demarcam as experiências contemporâneas de sociabilidades desses grupos sociais. Para Tânia Tosta (2000), o importante é destacar que a condição de morador de rua pode corresponder a um momento processual e não um estado definitivo. Especialmente no caso dos indivíduos mais jovens, pois o trânsito pela cidade acontece constantemente em suas trajetórias na rua, tendo em vista que a maior parte dessas crianças e jovens possui algum tipo de vínculo ou referência familiar.

A circulação como uma marca de suas trajetórias de vida não anula suas vinculações afetivas e sentimentais pelas pessoas e lugares, pois essas ligações são reveladas em seus discursos recorrentemente. No entanto, deve-se compreender as vinculações a partir de suas intensidades e da construção de significados que elas conservam na vida cotidiana dos jovens que vivem nas ruas, pois, ao se desvincularem de experiências e situações anteriores, orquestradas no mundo da casa, eles vinculam-se a novas referências que possibilitam modos de produção de um imaginário sobre a cidade a partir de sua experiência de vida nas ruas. Portanto, essas conexões apresentam-se a partir da dinâmica peculiar dos lugares onde se encontra fixado esse grupo juvenil, que pode apresentar formas ora mais sólidas ora mais fluidas, mas que existem e dão sentido às suas trajetórias de vida.

Além das formas de repulsão ocasionadas por conflitos familiares e comunitários, que fazem com que os jovens estabeleçam a rua como uma referência de moradia, o entendimento da complexidade desse fenômeno social se dá através da compreensão da esfera subjetiva que passa a apontar a constituição de laços de fixação à

vida nas ruas. Percebo que a permanência nas esferas públicas, apesar da rua também ser reconhecida por eles como um lugar de violência, produtora de um cotidiano degradante, ameaçador e hostil, intercorre a partir da constituição de redes afetivas estabelecidas com pessoas, lugares e instituições que proporcionam estratégias de sobrevivência e permanência na rua. Nesse sentido, reafirmo a designação de que a rua é um lugar de encontro de afetos. Conforme assinala Le Breton (2009), as emoções podem ser compreendidas como modos de afiliação a uma determinada comunidade social. Para o autor, cada emoção sentida oferece diversas possibilidades de interpretação sobre o que sentem os indivíduos e o que percebem com relação à atitude dos outros sobre eles. Nesse sentido, esse grupo de jovens define-se como “moradores de rua” ou como os que “vivem nas ruas”, portanto, esses termos são os mais recorrentes utilizados nas narrativas desses jovens ao designarem suas identidades.

A circulação pela cidade possui uma paisagem de sentimentos que consolida formas de construção de significados às trajetórias de vida dos jovens, assim como, dos imaginários urbanos sobre suas rotas pela cidade. Eles circulam seus corpos em percursos não estabelecidos por trajetos com começo, meio e fim, mas sim através da experiência que o ato de movimentar-se desencadeia. Contudo, esse grupo juvenil nomadiza o fluxo da vida cotidiana, suas etiquetas e emoções em um movimento desordenado que produz uma temporalidade desalinhada, resultante de experiências singulares e transgressoras que invertem padrões normatizados e normatizadores da vida social. Essas dimensões imbricadas designam modos de vida, assim como indicam formas de fixação e sobrevivência, prescrevendo os espaços públicos como lugares de experimentação da vida íntima.

O nomadismo desses jovens também está traduzido em suas vivências afetivas e sexuais, em virtude de adotarem práticas e percepções alinhadas às diversidades e pluralidades de compreensão das experiências relativas à sexualidade e às afetividades nos dias atuais. Todavia, essas dimensões imbricadas designam modos de vida, assim como indicam formas de fixação e sobrevivência, prescrevendo os espaços públicos como lugares de experimentação da vida íntima, conforme aponta os relatos dos jovens fortalezenses. Os jovens circulam seus corpos em percursos não estabelecidos por trajetos com começo, meio e fim, mas sim através da experiência que o ato de movimentar-se desencadeia. Contudo, eles nomadizam o fluxo da vida cotidiana, suas etiquetas e emoções em um movimento desordenado que produz uma temporalidade desalinhada, resultante de experiências singulares e transgressoras que invertem padrões normatizados e normatizadores da vida social.

### Referências

- ABRAMO, Helena. **Cenas juvenis**. São Paulo: Scritta, 1994.
- ADAD, Shara Jane Holanda Costa. **Corpos de rua: cartografia dos saberes e o sociopoetizar dos desejos dos educadores**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- AMADO, Jorge. **Capitães de areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.
- CALVINO, Italo. **Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil platôs** – capitalismo e esquizofrenia. Vol. 5. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELUMEAU, Jean. **A história do medo no ocidente (1300 – 1800)**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do cotidiano**: Artes de Fazer. Petrópolis, Vozes, 1994.
- DIÓGENES, Glória. **Itinerários de corpos juvenis**. São Paulo: Annablume, 2003.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**, vol. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- FRANGELLA, Simone N. **Corpos urbanos errantes**: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua de São Paulo. São Paulo: Anablume, FAPESP: 2009.
- GREGORI, Maria Filomena. **Viração**: experiências de meninos de rua. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- LE BRETON, David. **As paixões ordinárias**: antropologia das emoções. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro**: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 17 no. 49, junho/2002.
- MARINHO, Camila Holanda. Redes afetivas e culturas juvenis: perambulações de uma pesquisadora. In: BARREIRA, César (org). **Violência e conflitos sociais**: trajetórias de pesquisa. Campinas: Pontes Editores, 2010.
- MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Hucitec, 2000.
- PAIS, José Machado. **Nos rastros da solidão**: deambulações sociológicas. Porto: AMBAR, 2006.
- RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras: 2008.
- SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, Alcione (org.). **Falas de gênero**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999.
- SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.
- SILVA, Armando. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- TORRES, Anália. Amor e ciências sociais. *Revista Travessias*, Edição 4/5, Instituto de Ciências Sociais (ICS), Julho de 2004.
- TOSTA, Tânia Ludmila Dias. Memórias das ruas, memórias da exclusão. In: BURSZTYN, Marcel (org). **No meio da rua**: nômades, excluídos, viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

